

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## INTELECTUAIS NA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL: NOVAS PERSPECTIVAS, NOVOS OBJETOS.

Livia Claro Pires  
PPGHIS/UFRJ  
[liviaclarop@gmail.com](mailto:liviaclarop@gmail.com)

**RESUMO:** O presente trabalho pretende apresentar as mudanças no entendimento dos intelectuais enquanto atores de guerras, considerando as transformações ocorridas recentemente na historiografia sobre a Primeira Guerra Mundial e o debate acerca do papel social, cultural e político desse grupo. Sobretudo, a comunicação irá discutir como essas mudanças de fundo teórico-metodológico contribuíram para que novos entendimentos em relação ao comportamento da intelectualidade brasileira entre os anos de 1914 e 1918 fossem construídos, alterando a perspectiva sobre o impacto do conflito no país.

**Palavras-chaves:** Primeira Guerra Mundial; história dos intelectuais; intelectuais na Primeira República.

O militar prussiano Carl Von Clausewitz, em 1832, em seu tratado *Vom Kriege*, escreveu que a “guerra é a continuação da política por outros meios”. Quase cem anos mais tarde, a Primeira Guerra Mundial mostraria que a famosa frase precisava ser superada: mais do que um fenômeno político e militar, a guerra era também um evento da ordem da cultura e da sociedade. A ideia de homens uniformizados, trajando insígnias do Estado moderno, com a autoridade burocrática das instituições tomando decisões e partindo para ação, enquanto eram observados passivamente por homens, mulheres e crianças, não era – se é que algum dia foi - tradução da realidade.

Em toda a sua complexidade e diversidade, o conflito de 1914 adentrou cotidianos, e mobilizou setores diversos das sociedades contemporâneas. Entre eles, os intelectuais. Nas universidades, nas redações, nas editoras, em instituições de ensino, em associações, os homens de letras refletiram sobre o que estava acontecendo no *front*, e transmitiram essas reflexões ao restante da sociedade. Contribuíram, assim, de forma ora intencional, ora involuntária, para o engajamento das sociedades na conflagração. Acompanhar as formas como os intelectuais reagiram à Primeira Guerra Mundial revelou-se fundamental para a compreensão do impacto daquele conflito sobre os seus contemporâneos.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A aproximação historiográfica da *Grande Guerra* com a história social e cultural contribuiu para a ascensão dos intelectuais como personagens de relevância.<sup>1</sup> Essas duas dimensões abriram possibilidades de estudo, então pouco acessadas pelos trabalhos dedicados aos acontecimentos de 1914-1918, iniciando o que o historiador Jay Winter classificou como “quarta fase” das análises sobre o conflito. O resultado foi o entendimento da complexidade da conflagração como um evento que extrapolou os campos de batalha, sendo compreendido como uma *guerra total*, no sentido em que o envolvimento da população civil nos esforços de guerra era algo inerente às estratégias para a “vitória sobre o inimigo”<sup>2</sup>.

Obedecendo aos ditames de um período que conheceu variadas inovações tecnológicas no que tange aos meios de comunicação, e que viu florescer em seu seio uma sociedade industrializada, combinando velocidade e quantidade, a conquista de corações e mentes ganhou novos significados. O processo de totalização da guerra passou necessariamente pelo envolvimento cultural dos seus contemporâneos nos seus esforços, que entendiam estar ameaçados em seus modos de vida, seus arcabouços morais, sua civilização. Em outras palavras, todo o sentimento de comunidade criado entre o final do século XIX e início do século XX, cunhado no caldo nacionalista que se formou nesse período, num contexto onde a participação política tornava-se cada vez mais efetiva, ao passo que a proporção do conflito atingia níveis antes nunca vistos, era necessário o envolvimento cultural dos contemporâneos, num engajamento espontâneo nos esforços de guerra. Daí, o processo de totalização.

Nesse âmbito, os intelectuais foram peças-chaves. A atuação desses indivíduos foi feita em diferentes frentes, como apontam pesquisas e análises do final da década de 1970. No caso dos países beligerantes, houve a participação desses homens como

---

<sup>1</sup> De maneira conjunta às mudanças sofridas pela escrita da história da Primeira Guerra Mundial, a ascensão de uma história dos intelectuais, com suas múltiplas abordagens teórico-metodológicas, a partir da segunda metade do século XX, contribuiu para que esses grupos chamassem a atenção de pesquisadores e pesquisadoras que se debruçavam sobre a conflagração.

<sup>2</sup> O termo *guerra total* aqui empregado corresponde aos estudos de John Horne sobre a Primeira Guerra Mundial. Definida pelo historiador como um processo, a *guerra total* conduz à mobilização das populações contemporâneas por meio da persuasão moral, da inserção do conflito em seu cotidiano, da legitimação da necessidade da sua existência, bem como dos sacrifícios e das violências provocados por ele.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

braços para as fileiras de soldados, no caso dos mais jovens, ainda estudantes ou recém-formados nas cadeiras universitária; ou colocando seus conhecimentos técnicos à disposição das necessidades dos combates. Empregaram suas habilidades como tradutores, geógrafos, cartógrafos, químicos, engenheiros dentro dos órgãos militares (PROCHASSON, 2012, p. 334-335). Fora do raio das forças armadas, os intelectuais tiveram relevante desempenho dentro de instituições burocráticas. Em órgãos de propaganda e censura, atuaram de maneira intensiva. A *Wellington House*, responsável pela produção do material de propaganda do governo britânico, contou em seu quadro com numerosos representantes da intelectualidade, sobretudo daqueles que atuavam na imprensa, num movimento de cooperação irrestrita com os interesses governamentais. (MARQUIS, 1978) Na França, cientistas sociais foram levados para o Ministério de Armamentos: nomes da envergadura do economista François Simiand, e dos sociólogos Henri Hubert e Maurice Halbwachs puseram suas análises políticas à disposição do ministro Albert Thomas, ele próprio um historiador de formação oriundo da prestigiada *École Normale Supérieure* (PROCHASSON, 2012, p. 334)

O que salta à vista da atuação dos intelectuais na guerra foi seu desempenho na *mobilização das mentes*. Para Anna Rasmussen, a guerra iniciada em 1914 foi um conflito de ideias e de representações, onde a *mobilização das mentes* era tão importante quanto a eficiência das artilharias. Foi feito, então, um ciclo de informações e impressões a respeito da guerra, em que esses intelectuais eram ao mesmo tempo os seus mantenedores, mas também os consumidores do que era veiculado, à medida que sua mobilização se deu de forma voluntária, movidos pelos nacionalismos. Novamente, o processo de totalização do conflito trouxe a ideia de que não eram os interesses políticos e econômicos dos países em choque nas trincheiras que estavam em disputa, mas os valores civilizacionais, a comunidade de identidades e sentidos representada pelas bandeiras nacionais. Assim, os intelectuais foram um dos principais artífices da *cultura de guerra* que serviu tanto para a mobilização, mas, principalmente, para a automobilização dos contemporâneos ao conflito<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> O conceito de *cultura de guerra* foi cunhado por Annete Bécker e Stéphane Audoin-Rozeau, e compreende no conjunto de representações e categorizações do conflito produzido por seus contemporâneos, que tornam a ocorrência da guerra justificada e legitimada para os que a experimentam.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Pode-se afirmar que, nesse movimento, os intelectuais auxiliaram na criação de sentidos para o conflito, visando justificá-lo aos olhos das sociedades civis, da qual faziam parte inerentemente. Emprestaram sua autoridade enquanto homens de conhecimento acima da média, atuando como criadores e mediadores, exprimindo aos seus compatriotas o que em tese aquela guerra, que a cada ano se estendia para além do previsto, e demandava mais e mais sacrifícios, significava. Tais sentidos eram parte de um esforço não apenas para o convencimento do outro, mas de si mesmo e de seus pares, como elementos inseridos as *culturas de guerra*.<sup>4</sup>

Nesse sentido, foi emblemática a carta escrita pela nata da intelectualidade germânica em favor da cultura alemã. Uma série de acadêmicos das mais diferentes áreas do conhecimento, das artes às ciências, assinavam o documento, um manifesto que percorreu o mundo, traduzido em 14 idiomas, inclusive o português<sup>5</sup>. O texto, dirigido ao “mundo civilizado”, tinha como propósito refutar as acusações que pesavam contra a Alemanha àquela altura: a responsabilidade sobre o desencadear do conflito, a invasão da Bélgica e as violências perpetradas contra a população civil daquele país; o suposto militarismo exacerbado de sua sociedade. É interessante notar que esses homens colocavam “o seu nome e sua honra” em defesa do Estado alemão, contra quem afirmavam estar ocorrendo uma campanha difamatória perpetrada pelos seus inimigos de combate. Ou seja, eram intelectuais de renome colocando-se à disposição publicamente dos interesses políticos do governo de seu país (JORNAL DO COMMÉRCIO, 1915, p. 3).

Sendo assim, a Primeira Guerra Mundial obteve os seus contornos em razão, parcialmente, do engajamento desses indivíduos. Contudo, o processo foi dialético: os intelectuais também tiveram seu perfil modificado por força do conflito. De acordo com Sarah Posman, Cedric Van Djick e Marysa Demoor, a beligerância de 1914 transformou o intelectual erudito em um indivíduo engajado, que intervém de maneira mais

---

<sup>4</sup> Os divergentes não deixaram de existir, contudo, e eram devidamente rastreados e enquadrados, ou excluído nos casos de resistência, por um sistema de patrulhamento e vigilância ideológica exercido pelos próprios colegas. Dessa forma, havia pouco espaço para manifestações contrárias. Segundo Anna Rasmussen, não havia espaço para posturas pacifistas, uma vez que o engajamento mental e espiritual ao *chamado urgente da nação* deveria ser irrestrito.

<sup>5</sup> A carta foi traduzida e publicada no *Jornal do Comércio* no dia 22 de fevereiro de 1915, ocupando a terceira página do periódico.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

frequente e mais contumaz na sociedade na qual se insere.<sup>6</sup> Consolidava-se, assim, um processo que alguns historiadores localizam no final do século XIX, a partir do caso Dreyfus. Vale lembrar que indivíduos completamente apartados dos interesses, dos embates, das exigências e das necessidades, fossem elas individuais ou coletivas, do seu tempo são miríades inalcançáveis na realidade. Da mesma forma, a produção do conhecimento pelo conhecimento, e, mais ainda, de um conhecimento *puro*, sem qualquer influência do seu contexto histórico, dos matizes políticos, sociais, culturais e econômicos dos seus arquitetos são impossibilidades, ou ingenuidades, que a guerra ajudou a descortinar.

Dessa forma, Deemor, Van Djick e Posman definem que os intelectuais atuantes na Primeira Guerra Mundial podem ser identificados não tanto pela sua formação erudita, mas pela sua prática cotidiana. Havia os letrados oriundos das academias, das universidades e cátedras, plenamente estabelecidos pelo conjunto de saberes que detinham, e, principalmente, tendo suas vozes reconhecidas por seus pares e pela sociedade no coro de opiniões e falas daquele início do século XX. Como dito acima, esses indivíduos foram cooptados ou espontaneamente se engajaram em diferentes setores dos empreendimentos de guerra, das trincheiras aos órgãos de censura e propaganda. Contudo, havia aqueles que não estavam exatamente nos lugares privilegiados de debates e construção de ideias, nos laboratórios, nas tribunas e nas associações da *intelligentsia*. Eram os soldados que escreviam o que viam e o que sentiam diante das batalhas, eram os relatos sobre o cotidiano do conflito fora das trincheiras, eram os artigos de opinião endereçados às redações das gazetas por

---

<sup>6</sup> Aqui, a título de exemplo, se estabelece um nítido contraste com a ideia de intelectual que circulava na Europa entre os séculos XVIII e início do XIX, especialmente aquela oriunda dos círculos literários franceses. De acordo com Roger Chartier, os *homens de letras* pensavam a sociedade e circulavam nos seus espaços, mas, dedicados ao livre pensar, não deveriam associar a questões prementes de suas comunidades, mantendo certo distanciamento e uma conduta apartada da atividade política. Sua função era a reflexão, não a ação: ele produziria a teoria, para que outros a executassem. Esse apartamento da prática na França do Antigo Regime pode ser visto na forma como a manutenção de uma profissão e de uma especialidade era rechaçado, sendo o ideal estimado ao letrado conseguir ser pensionista do estado para não ter de submeter-se às exigências da vida material. Segundo Chartier, havia ainda aqueles que sugeriam ao intelectual uma existência completamente afastada do convívio e dos interesses tidos como mundanos, não buscando fama ou fortuna, apenas o conhecimento, evitando a crítica para manter a ordem (CHARTIER, 1997, p. 144).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

professores secundaristas, estudantes universitários ou burocratas. Esses indivíduos, muitas vezes anônimos, construíram seus pensamentos respeito do conflito tremendo que se desenrolava; transformaram-nas em falas e, utilizando-se de diferentes meios, em livros, panfletos, cartas ou artigos de jornais, tornaram-nas públicas. Especialmente, influenciaram outros e outras com suas ideias, contribuindo para o redemoinho da mobilização e da auto-mobilização, ou, em outros casos mais pontuais, para o repúdio em direção ao conflito.

Nesse sentido, Demor, Van Djick e Posman atestam que a Primeira Guerra também foi inovadora, por ter localizado a ação intelectual fora dos circuitos tradicionais onde ocorria. Forjou-se *intelectual* por sua atividade reflexiva, pela publicização dos seus juízos, pela influência exercida sobre terceiros, e pelo reconhecimento obtido por suas apreciações da guerra. Ou seja, podem ser identificados por intelectuais pela prática, pela ação, pela circulação das suas ideias, pelo seu engajamento nas questões prementes do seu tempo<sup>7</sup>.

Tais categorizações a respeito dos intelectuais e suas atividades ao longo do centenário conflito permitem refletir acerca do envolvimento e das manifestações a respeito da conflagração por indivíduos que se encontravam distantes do teatro de guerra. No caso dos latino-americanos, em geral, e dos brasileiros, em particular, pode-se afirmar que a situação de beligerância deflagrada em agosto de 1914 despertou um interesse incessante ao longo dos quatro anos em que ocorreu. Mais do que curiosidade, estimulou manifestações e, sobretudo, mobilizações em torno dos seus eventos.

A maneira como a Primeira Guerra foi percebida nos países latino-americanos deve-se ao processo de totalização sofrido pela conflagração, que se desdobrou para o aspecto global de suas atividades e de seus efeitos. O adjetivo *mundial* pode ser

---

<sup>7</sup> Assim, segundo os três autores citados acima, fecha-se um ciclo, no qual os intelectuais redefinem o que é a guerra, estendida para além das questões militares e políticas. A Primeira Guerra, por sua vez, redefine a prática intelectual. É importante ressaltar a forma como Van Djick, Posman e Demor endereçam o delineamento do conceito de intelectual. Para os autores, pensar o intelectual como uma categoria solidificada por características generalizantes e aplicáveis a qualquer período da história é um equívoco a ser evitado. Como indivíduos dotados de historicidade, afirma que o intelectual deve ser pensado através dos seus atos, pela maneira como conjugam pensamento e ação, devidamente inseridos no seu contexto histórico. O raciocínio desenvolvido por esses autores vai ao encontro do entendimento apresentado por Jean-François Sirinelli a respeito dos intelectuais. O historiador francês tratou a questão também por meio da prática intelectual, definindo esses sujeitos pela criação e pela mediação cultural, pelo engajamento na sociedade, pela influência exercida e pelo reconhecimento público conferido às suas falas.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

empregado não apenas pela participação de forças militares dos cinco continentes, mas pela forma como envolveu em seus acontecimentos e demandas, direta ou indiretamente, as diferentes partes do mundo. Mundo este, vale ressaltar, cada vez menor, encurtado em suas distâncias pela intensificação das trocas econômicas e políticas de um capitalismo em expansão. Através deste, se estruturava com a mesma intensidade um sistema de trocas culturais em acordo com os avanços tecnológicos dos meios de comunicação e de transporte, preconizando uma sociedade industrializada e de consumo intenso.

Para parte das sociedades resguardadas pelos decretos de neutralidade contra a ferocidade das metralhadoras automáticas e do arame farpado, a guerra chegou de outra maneira. Ela veio através das restrições ao comércio internacional, da interrupção no consumo de certos bens, dos telegramas que noticiavam o que se passava no *front*, dos materiais de propaganda, ciosos em mostrar que aquele era um momento decisivo para a humanidade (mesmo apresentando diferentes justificativas para tal). À medida que essas questões atravessaram as fronteiras e tocaram solos nacionais, foram percebidas de diferentes maneiras, adicionadas às particularidades locais, influenciando a configuração política das relações beligerantes, gerando novas representações e criando novas faces para o mesmo evento: a guerra deixava de ser europeia, e passava a ser, de fato, mundial.

No Brasil, mantido na neutralidade até outubro de 1917, os intelectuais foram os principais observadores naquele quadriênio. Porém, mais do que espectadores, os letrados da recém-fundada República significaram a conflagração em seus próprios termos, criando sentidos a ela. A guerra calara para os intelectuais brasileiros, e para os intelectuais latino-americanos de maneira geral de maneira diferente do que para os que a vivenciavam próximos ao *front*. Para aqueles, ocorrera o que María Inés Tato classificou como *beligerância cultural*: o sentimento de pertencimento aos modelos culturais europeus suscitou reações quando estes foram postos em um suposto estado de ameaça em função da guerra. Eram efeitos da *mobilização das mentes*, apontada por

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Anne Rasmussen, acrescido do fato dos intelectuais latino-americanos terem, em geral, sua auto-imagem, expressões e ideias vinculados à Europa<sup>8</sup>.

No tocante ao Brasil, havia a enraizada ligação cultural com a França. Remontando ao início do século XIX, os intelectuais do país, em sua maioria, vincularam suas formações e seu senso estético segundo a cartilha das letras francesas. Na virada para o século XX, a França, numa expressão do imperialismo para a dominação política, econômica e cultural, aproveitou as estradas já abertas nas mentes brasileiras – e latino-americanas em geral – para construir o “Pan-Latinismo”. Este consistia numa ideologia de união por meio da língua e da história entre todas as nações falantes de idiomas derivados do latim, que teriam, por isso, um passado compartilhado e que remontava à Grécia e Roma clássicas. O grupo teria, obviamente, a liderança francesa, auto-proclamada expoente máximo das culturas clássicas. Havia outras influências culturais circulando entre o grupo de pensadores brasileiros, como a britânica e a alemã. Contudo, nenhuma de maneira tão expressiva quanto a francesa.

A aproximação cultural com a Europa era fonte de inspiração para reflexões acerca das identidades nacionais e, por conseguinte, na concepção de ideias nacionalistas que circularam entre a intelectualidade brasileira nas primeiras décadas do regime republicano. O Pan-Latinismo se espelhou no que Álvaro Bomílcar chamou de *nacionalismo raça latina*, de grande inspiração francesa e associando o Brasil a uma linhagem pertencente à raça latina. Brito Broca, em seu *A Vida literária no Brasil*, relato os inúmeros casos de escritores brasileiros, entre eles Monteiro Lobato e Olavo Bilac, que nos anos 1900 entusiasticamente declaravam-se herdeiros dos gregos e romanos, e sonhavam em fundar nesta parte do Atlântico uma nova Atena. Por outro lado, havia também o *nacionalismo germanófilo*, do qual, novamente, Álvaro Bomílcar fala a respeito. Encantados com o crescimento econômico, com a presença política do Império Alemão pós-1870, e fiadores das suas expressões intelectuais, os *nacionalistas germanófilos* tinham o jovem país do Reno como modelo de civilização e de progresso, como horizonte a ser alcançado (LIPPI, 1990, p. 136-137). Por se sentirem próximos à

---

<sup>8</sup> Manifestações e mobilizações em torno da Primeira Guerra Mundial ocorreram em diferentes países da América Latina. No México, na Argentina, no Chile, no Panamá, os homens de letras produziram suas impressões a respeito da conflagração, emitindo opiniões variadas e construindo representações diversas sobre o que ocorria do outro lado do Atlântico.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Europa, tendo fincado no Velho Continente suas experiências de um passado imaginado e as expectativas de um futuro a ser alcançado, os intelectuais brasileiros perceberam o conflito como algo próximo de si.

Além de desafiar convicções, é interessante notar como a Primeira Guerra Mundial, assim como em outras regiões, pode ter trazido alterações na forma como os intelectuais brasileiros se posicionavam e eram percebidos pela sociedade da época. Faz-se necessário uma pesquisa de maior fôlego, mas é possível apontar alguns encaminhamentos. Os sujeitos que se manifestaram e se mobilizaram a respeito da conflagração não eram todos homens que circulavam em espaços institucionais já cristalizados como pertencentes ao mundo intelectual. Não tinham uma formação marcadamente erudita, ou amplo reconhecimento de sua voz antes de 1914, mas, de alguma maneira, foram provocados pelo conflito. Levaram para o espaço público suas opiniões, raciocínios, e reflexões de toda a sorte acerca dos acontecimentos do *front*, das questões que estariam em jogo nos campos de batalha, como a luta entre a *civilization* e a *Kultur*, e o posicionamento brasileiro, enquanto Estado e enquanto nação, nas disputas beligerantes. As gazetas fluminenses que circularam naquele quadriênio repercutiram as falas desses sujeitos até então anônimos, sem a envergadura dos indivíduos consagrados que emprestaram suas posições para defenderem a “causa aliada” ou a Alemanha.

Foram, nesse sentido, *intelectuais mediadores*, segundo os termos definidos por Ângela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen. As duas historiadoras, apontam que esses letrados não são exclusivamente identificados por suas atividades acadêmicas, de erudição formal, mas também pela capacidade por sua capacidade de criação e de publicização das suas ideias, aliados aos ganhos simbólicos obtidos através destas. Além disso, uma vez não estando nas zonas de conflito, construíram suas impressões dos acontecimentos através das notícias que chegavam por cabos telegráficos, por cartas de conhecidos que estavam em solo combatente, pelos materiais de propaganda bélica destinada a América Latina; por conversas com colegas de profissão, com diplomatas. Sobretudo, calcavam suas conclusões pelas impressões prévias que possuíam deste ou daquele país em conflagração, pelos interesses que carregavam, pelo contexto social, político e cultural a qual pertenciam. Foi através das suas palavras, dos seus gestos, que

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

a população do país edificou as suas imagens a respeito da guerra, buscando a sua compreensão.

É possível apontar alguns exemplos que surgiram naquele quadriênio. Ao lado dos incensados Graça Aranha e José Veríssimo, Antônio Reis Carvalho fundou a Liga Brasileira pelos Aliados, em 1915. A associação foi responsável pelas principais articulações na sociedade fluminense e brasileira da época em prol da *Entente*, com suas campanhas de arrecadação de donativos, publicações de livretos, panfletos e de artigos nos principais títulos da imprensa da capital federal. Após a morte do Veríssimo, foi Reis Carvalho a mente por detrás das palavras da Liga. Funcionário público na Casa da Moeda, professor de matemática, o sujeito até então havia participado de poucas expressões da cena intelectual fluminense como crítico de arte e de literatura. Contudo, a guerra o alçou a uma das principais vozes de representação do conflito para a população, uma vez sendo a associação um fator relevante para o direcionamento das simpatias dos brasileiros em direção aos Aliados. Os termos utilizados para trazer a guerra aos seus conterrâneos alinhava-se ao do bloco a quem destinava suas simpatias, traduzindo o conflito como uma disputa entre a *barbárie* e a *civilização*, na qual o Brasil estaria diretamente implicado como um possível alvo do imperialismo germânico caso este país saísse vitorioso.

Na trincheira oposta, temos Oliveira Vallim Filho e M. Coelho Cintra. Ambos publicaram artigos no jornal *A Tribuna*, em argumentações que criticavam com veemência a cobertura da guerra pela imprensa brasileira e as manifestações públicas de apoio aos Aliados no Rio de Janeiro. Em pesquisa preliminar, Oliveira Vallim Filho, cujo nome completo era José Francisco de Oliveira Vallim Filho, era datilógrafo e funcionário de tráfego na companhia Lloyd Brasileiro. Já M. Coelho Cintra identificava-se sempre como professor. Ao que tudo indica, ambos estavam distantes da figura do intelectual da Primeira República no Brasil, frequentador da Academia Brasileira de Letras, das conferências e dos saraus mais concorridos, das rodas de conversas nas confeitarias e cafés pela cidade. Ainda assim, construíram um discurso a respeito da guerra, em caminho contrário do que se via entre as figuras de maior prestígio da cena intelectual brasileira, abertamente *aliadófilas*. Não apenas manifestaram suas opiniões de apreço à campanha germânica e defenderam suas balizas

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

culturais, como criticaram o posicionamento desses personagens mais destacados. O professor Coelho Cintra, escreveu, em artigo que ocupou a primeira página do referido jornal:

E mais impagáveis ainda são os ingênuos e papalvos nossos que neles acreditam com o chavão de raça latina, com se nós, pobre sub-raça em formação por portugueses, índios e negros tivéssemos no sangue um décimo-milhonésimo de latino senão pela língua e pela assimilação mental. Triste e miserável estamos a representar com as nossas imbecis manifestações pró-aliados! (CINTRA, 1915, p. 1)

A *auto-moblização* a qual se inclinaram esses indivíduos se deu por diferentes razões, que não apenas uma identificação cultural com os países beligerantes ou uma exclusiva consternação com o estado de conflagração. No caso dos intelectuais brasileiros, em meio às afirmações e análises sobre a guerra e ao que ela concernia, encontram-se projeções de disputas internas ao campo, por espaço institucional ou simbólico; defesa de formações intelectuais ou de outros grupos sociais aos quais pertenciam esses indivíduos. O jornalista e poeta Carlos de Laet, e o romancista Graça Aranha, rivais de longa data na cena intelectual carioca, tiveram nas impressões sobre a Primeira Guerra Mundial uma nova arena para as suas querelas. Enquanto Laet manifestou suas simpatias pelo Império Alemão, associando-se à Liga Brasileira Pró-Germânia, Aranha fincou posição no lado oposto, sendo um dos fundadores da Liga Brasileira pelos Aliados e um dos mais entusiastas defensores do bloco em terras tropicais. Em 1916, em desagravo às manifestações *aliadófilas* de Graça Aranha no *Jornal do Comércio*, Laet publicou alguns o artigo “Limpendo as teias” no *Jornal do Brasil*, no qual buscava, de uma só tacada, defender as expressões culturais da Alemanha e atacar o conhecido desafeto. Escreveu:

A cultura das letras na Alemanha é um fato que só por gracejo, ou por ignorância, ou por mera conveniência de ocasião, pode ser contestada. Claro está que, no caso de Aranha, é pela terceira trilha desta trivía que com segurança devemos entrar. (LAET, 1916, p. 7)

Defender a *cultura germânica* foi também o objetivo do jurista e jornalista Paulo Germano Hasslocher ao interpelar duramente José Veríssimo, em carta publicada no

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

*Jornal do Comércio*, em outubro de 1914.<sup>9</sup> De ascendência alemã, Hasslocher reagiu contundentemente diante de artigos publicados por José Veríssimo em reprovação ao Império Alemão e às expressões culturais daquele país.<sup>10</sup> Dirigindo-se ao famoso crítico literário, afirmou:

A sua maneira de escrever sobre a Alemanha e os Alemães denota uma crise histórica contra os germânicos ou uma completa ignorância da Alemanha intelectual. [...] Sr. Dr.! Eu sempre o tive na conta de um homem de inteligência vulgar; nunca, porém, imaginei que a sua ignorância fosse completa, como se infere da leitura dos seus trabalhos germanóforos! [...] Na minha generosidade poderá V. encontrar um meio muito prático para conhecê-los: proponho-me a pagar-lhe um professor de alemão, que também poderá explicar-lhe o que é a cultura alemã depois de Goethe. (HASSLOCHER, 1914, p. 9)

Assim como Graça Aranha e Carlos de Laet, Veríssimo e Hasslocher ocupariam trincheiras opostas: o primeiro, como já dito, seria um dos fundadores da Liga pelos Aliados, enquanto Hasslocher se uniu à Liga Pró-Germânia.

Em resumo, a Primeira Guerra Mundial contribuiu para modificar as inserções e percepções dos intelectuais nas sociedades. Trazendo-os para o centro do conflito, como importantes personagens para que fosse produzida a mobilização e a *auto-mobilização* dos contemporâneos, os intelectuais abandonaram em definitivo a imagem de eruditos que não se envolviam em questões práticas e prementes da sociedade. Fosse nos campos de batalha ou nos órgãos estatais, esses indivíduos passaram da teoria à ação naquele quadriênio. Além disso, o conflito contribuiu para que a categoria de intelectual não fosse mais restrita àqueles dotados de um diploma e uma vida acadêmica, e incluísse os sujeitos que se dispunham à reflexão e ao engajamento no seu meio social.

---

<sup>9</sup> Os ataques perpetrados às expressões culturais alemãs vistos em profusão nos escritos intelectuais brasileiros de posição pró-Aliados era parte integrante do discurso desse bloco de combatentes a respeito de sua principal rival. A tentativa de associar a Alemanha à barbárie, desqualificando as artes, as ciências, e toda a sorte de produção cultural feita em suas fronteiras, inferiorizando-a quando comparada às francesas, principalmente foi uma estratégia largamente utilizada pela *Entente*. Por meio dos materiais de propaganda e das conexões com intelectuais de outras nacionalidades, esses discursos alcançaram os países neutros, o Brasil incluso. São estas mostras das configurações de uma guerra que se desdobrou em termos culturais, numa tentativa de mover simpatias e angariar ações de apoio.

<sup>10</sup> Paulo Hasslocher era filho do deputado Germano Hasslocher, cuja carreira política foi feita, sobretudo, na luta pela regulamentação da situação dos imigrantes no Brasil, o que, talvez, tenha incitado as sensibilidades do jurista diante dos ataques ao Império Alemão perpetrados por Veríssimo, dando um caráter pessoal às suas palavras.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Tais aspectos também podem ser observados no Brasil, auxiliando na compreensão do comportamento dos intelectuais durante o período, bem como da sua própria composição. A guerra de 1914 produziu manifestações e mobilizações de homens de prestígio, reconhecidamente atuantes nas esferas letradas, mas também de pensadores até então anônimos, ou de pouco prestígio. O evento trouxe à tona questões que já circulavam entre esses indivíduos, provocou reflexões e posicionamentos, e demonstrou a forma como a intelectualidade brasileira longe estava do isolamento em relação ao restante do mundo, estando ligada a ele por suas ideias, por suas angústias e por seus personagens.

Por fim, se, atualmente, a categoria dos intelectuais suscitam uma série de questionamentos, em relação ao seu caráter elitista e excludente, é possível afirmar que alguns dos muros que hoje parecem soçobrar diante da massificação da cultura, do aumento significativo do acesso às redes formais de ensino e dos meios de comunicação, tiveram as suas primeiras rachaduras no centenário conflito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUDOIN-ROUZEAU, S.; BECKER, A. “Violência e consentimento: a ‘cultura de guerra’ do primeiro conflito mundial”. RIOUX, J.; SIRINELLI, J. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p. 237-258.

BROCA, B. *A vida literária no Brasil - 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

CINTRA, M. C. “Divergências”. *A Tribuna*. 9 ago. 1915, p. 1.

CHARTIER, R. “O homem de letras”. VOVELLE, M. (dir.). *O homem do Iluminismo*. Lisboa: Presença, 1997. P. 118-153.

DEMOOR, M.; POSMAN, S.; VAN DJICK, C. “World War One And Intellectual Work”. *The intellectual response to the First World War*. Chicago; Brighton: Sussex Academic Press. P. 1-14.

GOMES, A. C.; HANSEN, P. “Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: um introdução para a delimitação do objeto de estudo”. *Intelectuais mediadores. Práticas Culturais e Ação Política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. P. 7-37.

HASSLOCHER, P. G. “Sr. Dr. José Veríssimo”. *JORNAL DO COMMÉRCIO*, 15 out. 1914, P. 9.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

JORNAL DO COMMÉRCIO. “Ao mundo civilizado”. 22 fev. 1915, P. 3.

LAET, C. “Limpendo as teias...”. *Jornal do Brasil*, 5 jan.1916, p. 7.

MARQUIS, A. G. “Word as Weapons: Propaganda in Britany and Germany during the First World War”. *Journal of Contemporary History*, v. 13, i. 3, p. 467-478, jul. 1978.

OLIVEIRA, Lucia Lippi de. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PIRES, L. *Intelectuais nas Trincheiras*. Curitiba: Appris, 2019.

PROCHASSON, C. “Intellectuals and Writers”. HORNE, J. (ed.) *A Companion to World War I*. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2012. p. 323-337.

RASMUSSEN, A. “Mobilising minds”. WINTER, J. (ed.) *The Cambridge History of the First World War*. New York: Cambridge University Press, 2014. v. 3. p. 242-256.

SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269.

TATO, M. I. “Fighting the war from the periphery: Latin America and WWI”. Palestra proferida no congresso *Tempos de Violência*. Fundação Casa de Rui Barbosa, RJ, 20 junho 2018.

WINTER, J. “Historiography 1918-Today”. *International Encyclopedia of the First World War (WWI)*. Disponível em: [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/historiography\\_1918-today](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/historiography_1918-today). Acesso: 14 dez. 2020.